

A CONTRIBUIÇÃO DA ARQUITETURA NA QUALIFICAÇÃO DOS AMBIENTES HOSPITALARES

Jaqueline Gaspar Teixeira¹
Carlos Augusto de Melo Tamanini²

TEIXEIRA, J. G.; TAMANINI, C. A. M.; A contribuição da arquitetura na qualificação dos ambientes hospitalares. *Akrópolis*, 13(2): 81-83, 2005.

RESUMO: Este artigo é parte do levantamento teórico efetuado para elaboração do projeto arquitetônico de uma Casa de Apoio ao Setor de Saúde para a cidade de Campo Mourão – PR, e registra questionamentos dos poderes da arquitetura para a qualificação de ambientes hospitalares, de forma a despertar a consciência da importância na correta aplicação de seus recursos para o desenvolvimento positivo das atividades nestes ambientes. Através de diretrizes conceituais procura expor as características comunicativas e psicológicas da arquitetura, identificando recursos que influenciem diretamente na recuperação do estado saudável de pacientes e acompanhantes diante da composição espacial, estética, visual e sensorial destes ambientes.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Hospitalar - Humanização - Recursos Arquitetônicos.

THE CONTRIBUTION OF THE ARCHITECTURE IN THE HOSPITAL ENVIRONMENT QUALIFICATION

ABSTRACT: This article is part of the theoretical research made for the architectural project of a support house to the health sector in Campo Mourão-Pr., and it registers issues about the architecture power for the hospital environment qualification, arousing the conscience of the importance of its resources correct application for the positive development of the activities in these environments. Through the concept directions it exposes the communicative and psychological characteristics of the architecture, identifying resources that influence directly in the patients recovering due to the space, esthetic, visual and sensorial composition of these environments.

KEY WORDS: Hospital Architecture - Humanization – Architectural Resources.

Introdução e Objetivos

Ser retirado inesperadamente ou de forma programada do seio da família, do trabalho e das atividades sociais, tem um profundo impacto na psique da grande maioria dos seres humanos e no subconsciente coletivo, resultando inconscientemente numa forma de ver e agir diferenciada. Expor o paciente e sua família no momento de fragilidade a um meio desconhecido e inesperado, que geralmente transmite frieza e pena no atendimento em vez de atenção e respeito, pode impedir a evolução do estado saudável do doente.

Neste sentido o objetivo deste artigo é levantar e discutir a humanização e a possibilidade de qualificação dos ambientes hospitalares, incorporados à responsabilidade da arquitetura através da elaboração de espaços com contexto de convívio social e utilização pública, possibilitando interação e convívio de qualidade físico-mental aos usuários.

Metodologia

Adotou-se como metodologia o levantamento dos problemas e a análise da situação da maioria dos ambientes hospitalares em relação a qualidade espacial e sensorial oferecida pelos mesmos. Num segundo momento efetuou-se a revisão bibliográfica a partir de periódicos, livros e sites relacionados aos conceitos de arquitetura para estes ambientes: simbologia, histórico, influências, recursos, aplicações, etc. De posse das informações levantadas iniciou-

se a elaboração teórica do artigo com seus respectivos resultados e conclusões.

O Simbolismo da Arquitetura

Estímulo é o conjunto de acontecimentos sensoriais que provocam excitação no organismo produzindo uma resposta, imediata ou não. Quando provoca raciocínio para a emissão de resposta ela passa a caracterizar-se comunicação, que não se restringe apenas à fala, mas sim, em inúmeras formas de trocar informações. Através da arquitetura os edifícios procuram identificar suas funções, passando a significar e transmitir algo para a sociedade, a qual identificamos na arquitetura como função semântica, que estuda a relação entre objetos e seus significados (COLIN 2002), e que determina e distingue as primeiras funções das segundas funções de um edifício. As primeiras funções também conhecidas como significado denotativo regem as funções operacionais que devem se realizar para habitá-lo, já as segundas funções, também chamadas de significado conotativo diz respeito à ideologia global ou sentido simbólico que o edifício corresponde, e é tão importante quanto o funcional (TERIBELE, 2003).

Comunicação e Psicologia na Arquitetura

Em qualquer objeto arquitetônico há a presença de um conteúdo social, isso porque ela atende obrigatoriamente a uma função e um uso, e na maioria das vezes é fruto da necessidade cotidiana, tornando-se peça fundamental para a qualidade de vida e influenciando diretamente nas sensações

¹Graduanda em Arquitetura e Urbanismo da Unipar – Universidade Paranaense. E-mail: jjaque@ibest.com.br

²Arquiteto, Docente e coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Unipar – Universidade Paranaense. Mestre em Construção Civil – UFSC - E-mail: tamanini@unipar.com.br

afetivas do ser humano.

COLIN (2002) é a mais antiga referência registrada que temos do reconhecimento das motivações afetivas para formas arquitetônicas que são encontradas em duas passagens de **Os dez livros** de arquitetura, de Vitruvius: a primeira quando ele se refere as cariátides colunas com forma de mulher que representavam um castigo infligido pelos gregos ao povo de Caria, e a segunda quando narra a origem do capitel coríntio representa a emoção do escultor Calimaco ao se deparar com uma cesta florida em cima de uma grande raiz.

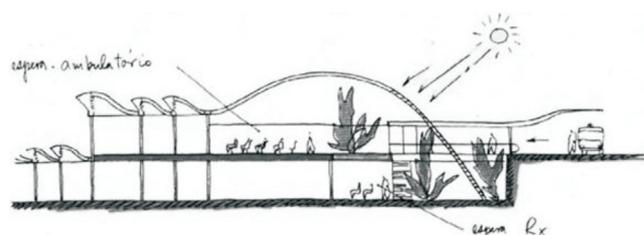
Somente em fins do século XIX é que se inicia com Robert Vischer de modo sistemático, a abordagem psicológica da arquitetura e sua aplicação da Teoria da *Einführung*. Posteriormente surgem outras teorias como por exemplo: a Psicodinâmica das Cores utilizada inclusive nos ensinamentos da Bauhaus.

Utilização Dos Recursos Arquitetônicos Nos Ambientes Hospitalares

“O desenvolvimento da medicina já provocou mudanças na projeção de ambientes hospitalares, que, aos poucos, estão incorporando a questão da habitabilidade. O entendimento de que um hospital deve se restringir à prestação de serviço de saúde ao doente tem cedido espaço para uma nova mentalidade, que valoriza a ambientação agradável e, principalmente, a convivência familiar como fatores que impulsionam a cura”.¹

O pensamento de SUSIN (2004) nos prova a possível aplicação dos conceitos de ambientação e humanização em todos os ambientes relacionados à saúde, com projetos arquitetônicos elaborados através de estudos psicológicos de comportamento, os quais demonstram bons resultados a respeito da resposta dos pacientes à cor, à luz e os novos dimensionamentos de espaços.

A substituição da sobriedade e frieza destes ambientes pode ser alcançada com a utilização de recursos luminosos na exploração máxima de luz natural, amplos vãos que propiciem ambientes arejados e visão do ambiente externo, recursos paisagísticos e artísticos que induzam à prática do convívio social (Figura 1), contraste de cores, ou ainda, áreas destinadas à meditação, principalmente no momento em que todas as faculdades mentais precisam estar em harmonia para o melhor restabelecimento da saúde e vitalidade.



Fonte: João Figueiras Lima - Lelé, 2000.

Siegbert Zanettini também expressa este pensamento quando diz em entrevista a CORBIOLI (1993):

“Arquitetura é o resultado físico-espacial do encontro equilibrado e harmônico entre o mundo racional e o mundo sensível”.²

Efeitos Da Luz

Segundo COSTI (2002) a energia radiante, a luz visível e as regiões adjacentes como o infravermelho e o ultravioleta são essenciais ao crescimento e a saúde dos seres vivos. Para os seres humanos que não se expuserem à irradiação solar por longos períodos de tempo, ocorrerão distúrbios no seu equilíbrio fisiológico: o sistema nervoso funcionará de forma desordenada e a vitamina D será deficiente, reduzir-se-ão as defesas do corpo e agravar-se-ão as doenças crônicas como declaram N. M. Lazare e M. V. Sokolov no Congresso Internacional de Iluminação de 1967, apud COSTI (2002).

Neste sentido a indústria da iluminação tem procurado se aperfeiçoar a fim de proporcionar fontes de luz o mais próximo possível da luz solar, contribuindo para os recursos arquitetônicos e seus benefícios à qualidade do ambiente. Espacialmente a luz pode criar efeitos interessantes e muito significativos para a percepção humana, de maneira que permita a simulação de um pé-direito maior com a ampliação dos níveis de claridade em direção ao forro, ou ainda, dar impressão de aberturas naturais a espaços estreitos com a distribuição de focos de iluminação. A variação da cor proporcionada pelo uso de ritmo no emprego da luz cria movimento no espaço que indica um caminho por onde tende-se a seguir (Figura 02). A luz e a cor podem favorecer a orientação e influenciar o estado psicológico do ser humano.



Fonte: Revista Projeto Design no 271, 2002.

Fig. 2 Espera clínica em São José do Rio Preto - SP

Efeitos da Cor

A cor assim como a luz traz certas reações ao organismo do homem. Através dos olhos ela é captada e emitida como informação ao cérebro, que por sua vez, faz a transformação bioquímica resultando em sensações psíquicas e somáticas. Desta forma o organismo reage a leveza do branco, a suavidade e alegria do amarelo, a profundidade do

²CORBIOLI, Nanci. Humanização: forma e emoção. In revista Projeto Design edição 283. Setembro, 2003.

¹SUSIN, Rosa. Ambientação Favorece a Cura dos Pacientes. Disponível em: <<http://www.corporativo.bibliomed.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=194&ReturnCatID=24>>. Acesso em: 18 fev. 2004.

azul e a estimulação do vermelho. Acredita-se que cores e luzes emitem uma espécie de campo vibratório e que, através da modificação do padrão vibratório molecular do campo energético elas influenciam os seres vivos.

Para efeito compositivo, as cores podem ser utilizadas para acentuar a forma, as divisões e outros elementos arquitetônicos. Porém, deve-se atentar para o tempo de permanência nos ambientes. Em locais de longa permanência deve-se dar preferência à utilização de cores neutras de nuances suaves, mas com alguns focos destacados de coloração mais agressiva; já nos ambientes de curta permanência admitem-se cores fortes e combinações exóticas.

Considerações Finais

Os ambientes hospitalares devem ser entendidos como espaços adequados e dispostos a proporcionar recuperação e saúde. Assim sendo, a compatibilização técnica, funcional, estética e sensorial dos recursos arquitetônicos são absolutamente cabíveis e discutíveis nestes ambientes, de modo que auxiliem não apenas a recuperação física, mas também a recuperação psicológica dos pacientes.

Sendo assim, caberá ao arquiteto combinar da melhor forma possível esses recursos e aplicá-los ao projeto, qualificando os espaços hospitalares para que se possam exercer as atividades necessárias com êxito, segurança e satisfação.

Referências

COLIN, S. Uma introdução à arquitetura. 2. ed. Rio de Janeiro: Uapê, 2002.

CORBIOLI, N. et al. Ambiente hospitalar requer humanização e potencial de atualização constante. Revista Projeto Design, São Paulo, n. 283, p. 94-98, set. 2003.

COSTI, M. A influência da luz e da cor em corredores e salas de espera hospitalares. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002.

GODOI, A. F. de. A Administração na humanização do atendimento em hospitais: o necessário choque da qualidade na hotelaria hospitalar. Disponível em: <<http://www.estudosturisticos.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=927>>. Acesso em: 18 fev. 2004.

GRUNOW, E. Parede flutuante protege interiores e atenua rigidez de clínica médica. Revista Projeto Design, São Paulo, n. 271, p. 44-45, set. 2002.

JOÃO FILGUEIRAS LIMA, LELÉ. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 2000.

SCARAZZATO, P. S. Avaliação pós-uso: considerações sobre conforto térmico e iluminação. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, 1989.

SUSIN, R. Ambientação favorece a cura dos pacientes. Disponível em: <http://www.corporativo.bibliomed.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=194&ReturnCatID=24>>. Acesso em: 18 fev. 2004.

TERIBELE, A. Apostila de linguagem da arquitetura e da cidade. Disponível em: http://www.arquiteturauc.hpg.ig.com.br/udc/download/Diretrizes%20Linguagem_Prof_Alessandra.doc>. Acesso em: 14 maio 2004.

Recebido: Março de 2005

Aceito: Março de 2005